



A relevância do debate social

• Bruno Funchal

A relevância do debate social

Incertezas, desafios e oportunidades. Apesar de distintos, esses temas têm conversado constantemente entre si. Estamos vivendo um momento complexo no Brasil e no mundo, de inúmeros riscos e incertezas. Inflação em níveis historicamente altos que gerações de americanos e europeus jamais viram. No Brasil, temos uma inflação que persiste em se manter nos dois dígitos. Sabemos que ela é um dos grandes males para a população, principalmente para os mais pobres. Por isso, ter o diagnóstico correto é importante.

A inflação é resultado de uma grande e sincronizada política fiscal expansionista, que serviu para anabolizar a demanda no período de pandemia. Concomitante a isso, problemas nas cadeias de produção afetaram a oferta de muitos insumos, sendo mais um choque relevante para o desajuste dos preços. Em 2022 adicionamos a guerra Rússia-Ucrânia para pressionar ainda mais o lado da oferta, notadamente os preços dos combustíveis no mundo e o gás europeu.

O remédio para isso é amargo. É preciso encarar de frente o problema para que algo temporário não se prolongue e traga consequências estruturais relevantes sobre nosso potencial de geração de emprego e renda. Intervir em preços, já sabemos, não é um bom caminho. Traz prejuízos econômicos graves, mina nossa credibilidade e tem o potencial de desorganizar o futuro da economia. Em resposta, os Bancos Centrais têm aumentado os juros em todo o mundo, um remédio correto. Agora, o debate tem a ver com sua dosagem e duração.

O resultado desse movimento dos BCs é, num primeiro momento, a reprecificação dos ativos, que conviveram em um cenário de liquidez nunca antes visto. Como exemplo, os primeiros a sentir a mudança nos níveis de liquidez foram os ativos de mais alto risco como as criptos e as empresas de tecnologia, chegando, posteriormente a todo mercado de capitais americano levando a um ajuste de aproximadamente 20% do S&P500 em 2022. Tal ajuste tem efeito importante sobre as famílias tanto em termos de aprendizado quanto em termos de renda.



No Brasil, adicionamos a esse ambiente cheio de incertezas um período eleitoral que se avizinha. Apesar de desafiador esse também é um tempo de oportunidades. Primeiro, olhando para a posição relativa do Brasil e seus pares, notamos indicadores econômicos em evolução, uma Bolsa barata, empresas resilientes geradoras de dividendos, e um País fora do ambiente hostil dentre os emergentes, diferente do que ocorre, por exemplo, com a Rússia em meio a guerra com a Ucrânia e a China as voltas com lock-down em meio a pandemia.

Avanços institucionais realizados desde 2017 também contribuem para um bom posicionamento do Brasil, estimulando investimentos privados, apesar do momento de juros altos. Dentre os grandes avanços, pode-se destacar a instituição da TLP, a redução do crédito direcionado via bancos públicos, os novos marcos regulatórios do saneamento, gás, cabotagem e ferrovias e a nova lei de falências e recuperação judicial. Todas essas medidas microeconômicas são avanços institucionais importantes para colocar o Brasil em boa posição para atração investimentos.

Apesar das incertezas adicionais trazidas pelo período eleitoral, este nos oferece oportunidades. Algumas agendas vêm ganhando destaque no debate atual como os programas sociais e as políticas geradoras de emprego e renda. Esses tópicos são fundamentais para ancorar os objetivos, mas tão ou mais importante é explicar claramente qual é o plano de trabalho para atingi-los, quais são as ações necessárias e o custo delas, sem correr nos mesmos erros do passado.

Um diagnóstico é claro: o Brasil se encontra em uma armadilha do baixo crescimento desde o início da década de 1980, como mostram as pesquisas econômicas. A característica do período foi de uma renda per capita com crescimento média de apenas 0,5% e estagnação da produtividade da economia. Esse longo período de baixo crescimento contribui de forma decisiva para o sentimento de que é preciso discutir políticas de emprego e renda e programas sociais neste momento.



Diagnosticar as necessidades do país é importante, mas mais importante do que o “o que” é o “como”. De nada adianta falar “o que” vai fazer sem um plano claro e crível sobre o “como”. Com relação a geração de emprego e renda, o avanço na agenda de produtividade é fundamental. Inegavelmente, o “como” mais poderoso para endereçar esse ponto é uma ampla reforma tributária, que permita reduzir a complexidade e o contencioso do nosso sistema. A redução da complexidade do nosso sistema tributário permite que as muitas horas utilizadas para entender e operar nesse ambiente tributário hostil fosse utilizado para o seu verdadeiro fim que é produção. Outro elemento essencial é o nosso capital humano. Investir em educação é muito mais do que destinar recursos para tal, mas avaliar se as políticas implementadas tem sido efetivas em melhorar a capacidade de aprendizado dos alunos. Temos exemplos bem sucedidos no Brasil como os modelos do Ceará e Pernambuco, mas por enquanto são exceções a regra. Tão importante de “como fazer” é “como não fazer”, aprendendo com as evidências científicas e com os nossos próprios erros do passado. Excesso de intervenção do governo na economia como a política dos campeões nacionais só ajudaram a distorcer os incentivos e reduzir a produtividade da nossa economia, nos jogando em um período de grave recessão como vista em 2015 e 2016.

Em relação para os programas sociais, é legítimo discutir o tamanho desejado da nossa solidariedade social, ainda mais nesse momento. Novamente o “como” é chave para que a boa intenção não se traduza em desorganização da economia. No país há muito espaço para avançar na qualidade do gasto através da focalização dos programas já existentes.

É sempre bom lembrar que políticas públicas custam dinheiro e precisam ser sustentáveis no tempo, por isso a responsabilidade fiscal não é um fim em si mesmo mas um meio para viabilizar políticas públicas relevantes para o país, que gerem alto retorno para a sociedade. Caso contrário, a falta de credibilidade em relação às contas públicas acaba se refletindo em mais juros e num ambiente menos propício para geração de investimentos, emprego e renda. Debater com profundidade e com evidências científicas como esses objetivos podem ser alcançados nos próximos anos é nossa tarefa para os meses que seguem, pois isso vai definir o futuro dos nossos filhos e netos.

CEO da Bradesco Asset

